

**Teatro de grupo na cidade de
São Paulo, criações coletivas, sentidos
e manifestações em processos de
lutas e travessias - RESENHA**

Miguel Arcanjo Prado

Resenha: AQUILES, Marcio; MATE, Alexandre Luis et al (orgs.). Teatro de Grupo na cidade de São Paulo: criações coletivas, sentidos e manifestações em processos de lutas e de travessias. São Paulo: Lucias, 2021.

Review: AQUILES, Marcio; MATE, Alexandre Luis et al (orgs.). Teatro de Grupo na cidade de São Paulo: criações coletivas, sentidos e manifestações em processos de lutas e de travessias [Group Theater in the city of São Paulo: collective creations, meanings and manifestations in processes of struggles and crossings]. São Paulo: Lucias, 2021.

Miguel Arcanjo Prado¹

1. Jornalista, crítico de artes da APCA, Mestre em Artes pelo IA-UNESP, Pós-graduado em Mídia, Informação e Cultura pela ECA-USP e Bacharel em Comunicação Social pela Fafich-UFMG. É diretor do Blog do Arcanjo e do Prêmio Arcanjo de Cultura, além de Coordenador de Extensão Cultural e Projetos Especiais da SP Escola de Teatro. Instagram: @miguel.arcanjo - E-mail: miguelarcanjoprado@gmail.com.

Um registro histórico do teatro de grupo paulistano no começo do século XXI

Por ser arte tão efêmera, qualquer registro que se faça do teatro é um bem precioso. É em tal categoria que pode ser posto o livro *Teatro de Grupo na cidade de São Paulo: criações coletivas, sentidos e manifestações em processos de lutas e de travessias* (2021), com organização de Alexandre Mate e Marcio Aquiles, lançado pelo selo Lucias, da AdAAP, a Associação dos Artistas Amigos da Praça. O selo homenageia Lucia Camargo, gestora cultural pioneira, que morreu em 2020, aos setenta e seis anos. A obra ainda celebra os dez anos da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco, regida pela AdAAP e ligada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

O peso do tomo é dado já na orelha, na qual Ivam Cabral, um dos idealizadores do projeto ao lado dos organizadores e Elen Londero e Joaquim Gama, explicita: “Este livro traz um pouco da história e da arte de 194 coletivos teatrais da Grande São Paulo, metrópole onde floresceram grupos dos mais diversos cheiros e cores, uma diversidade estética à qual pouquíssimos países do mundo conseguem se equiparar”. O ator e cofundador, em 1989, da Cia. de Teatro Os Satyros (ao lado de Rodolfo García Vázquez), um dos grupos retratados na obra, ainda reforça o caráter único do teatro de grupo paulistano, com sua polissemia estética. Trata-se, portanto, de uma condensação histórica da produção teatral de grupo que pulsa na maior metrópole do país nas primeiras décadas do século 21.

Não à toa, o livro foi lançado no dia do aniversário de São Paulo, em 25 de janeiro de 2021, reunindo em uma live no YouTube, por conta do distanciamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus, representantes dos grupos retratados e que reiteraram, em suas falas comemorativas, a importância de integrarem tal registro. A pungência do livro ainda se dá com textos de dezesseis especialistas em artes cênicas convidados pelos organizadores, que vão desde professores universitários como Lúcia Romano (IA-Unesp) e Maria Thais (ECA-USP) a dramaturgos consagrados, como Luís Alberto de Abreu, e nomes incipientes na escrita teatral, como Daniel Veiga, além de figuras da militância cênica, como Rudifran Pompeu.

Em entrevista ao autor deste artigo, em reportagem publicada no Blog do Arcanjo, Alexandre Mate reforça o caráter de militância dos que fazem o teatro de grupo. “Nesse processo de tantos e permanentes enfrentamentos, o sujeito histórico teatro de grupo caracterizava-se, antes da pandemia, em produção de inquestionável beleza e pertinência militante, fincado em diferentes comunidades e desenvolvendo as mais variadas ações, tanto estéticas como de formação. Essa cena tem uma produção absolutamente singular, inventiva, criativa e entre as mais importantes daquilo que, em outras épocas, se definiu ser Ocidente” (MATE apud PRADO, 2021, s.p.), pontua o pesquisador e professor.

O organizador ainda lembra a importância da atuação dos grupos retratados em seu entorno geográfico. Mate (apud PRADO, 2021) recorda: “Os coletivos teatrais, espalhados pela cidade e pelos municípios vizinhos, têm consciência



da importância do teatro na vida comunitária e cultural, e estão a construir histórias em um permanente processo de disputa simbólica e militante contra todas as barbáries por que tem passado o país. Assisti espetáculos no centro e nas periferias, e um número surpreendente de novos grupos apareceu com pesquisas afrodescendentes, com relação às temáticas e pautas LGBTQI+, entre outras.” (MATE apud PRADO, 2021, s.p.).

O caráter plural da escrita da obra, na qual cada grupo teve o domínio de seu registro textual, é ressaltada pelo organizador Marcio Aquiles na mesma reportagem. Ele ainda resalta que o lançamento em um momento de tamanhas tensões político-sociais no Brasil, decorrentes do governo Jair Bolsonaro (sem partido) com forte perseguição à cultura bem como o agravamento da pandemia de Covid-19 no Brasil, investe o tomo de caráter ainda mais especial. Aquiles (apud PRADO, 2021) afirma: “Tanto os 194 textos escritos pelos coletivos participantes quanto os artigos teóricos iniciais revelam profunda preocupação por esse momento histórico de valorização da barbárie e desprezo – por parte do governo federal e de certa elite medíocre – pela cultura e pelo conhecimento (seja ele artístico ou científico). O livro coloca-se também, portanto, tal qual o manifesto por meio do qual coletivos e pesquisadores foram convidados para participar, como obra de resistência ao embrutecimento e à estupidez.” (AQUILES apud PRADO, 2021, s.p.).

Para além dos textos, como condiz ao nosso mundo, cada vez mais imagético, há uma importante cartografia fotográfica da cena, com inúmeras imagens feitas por nomes que capturaram o fugaz da cena teatral paulistana contemporânea, entre eles o fotógrafo Bob Sousa, que integrou o time responsável pela escolha das imagens.

Mate enxerga o livro dentro do campo da militância, ao registrar “processos de luta e resistência”, como escreve em seu texto de apresentação da obra, onde ressalta “o caráter democrático de partilha nas relações de criação, produção e circulação” que faz parte do teatro de grupo na Grande São Paulo. Em texto de Rudifran Pompeu e Thiago Vasconcelos, é apresentada uma linha histórica do teatro de grupo que deu origem aos grupos retratados, associando o movimento às liberdades conquistadas no pós-ditadura civil-militar e a chegada de ares democráticos com a Nova República. A invenção de novos processos criativos pelos grupos, inclusive no que tange à atuação, é esmiuçada no artigo assinado por Lucia Romano, que afirma que há um cruzamento de diversos estilos, desde os de origem erudita aos de origem popular, em “um contexto cambiante, em contínua atualização”.

Para além de preceitos teóricos, o grande chamariz do livro, realmente, é o histórico de cada um dos quase duzentos grupos apresentados, nos quais um por um se debruça sobre seu processo de criação artístico-teatral, em profunda reflexão sobre a própria produção. Como sujeitos históricos independentes, os grupos tomam as rédeas da escrevivência, como conceitua a escritora Conceição Evaristo, postergando seu legado para além do tempo da cena e direcionando a artífices do teatro do futuro um panorama complexo da diversidade do teatro de grupo realizado na Cidade de São Paulo e nos municípios limítrofes nas primeiras décadas do século XXI.

Referências

PRADO, Miguel Arcanjo. Livro faz registro histórico do teatro de grupo em São Paulo e lança selo Lucias. Blog do Arcanjo, 20/01/2021. Disponível em: <https://www.blogdoarcanjo.com/2021/01/20/livro-faz-registro-historico-do-teatro-de-grupo-em-sao-paulo-e-lanca-selo-lucias/>. Acesso em: 20 jun. 2021.